

Novo romance de José Cardoso Pires

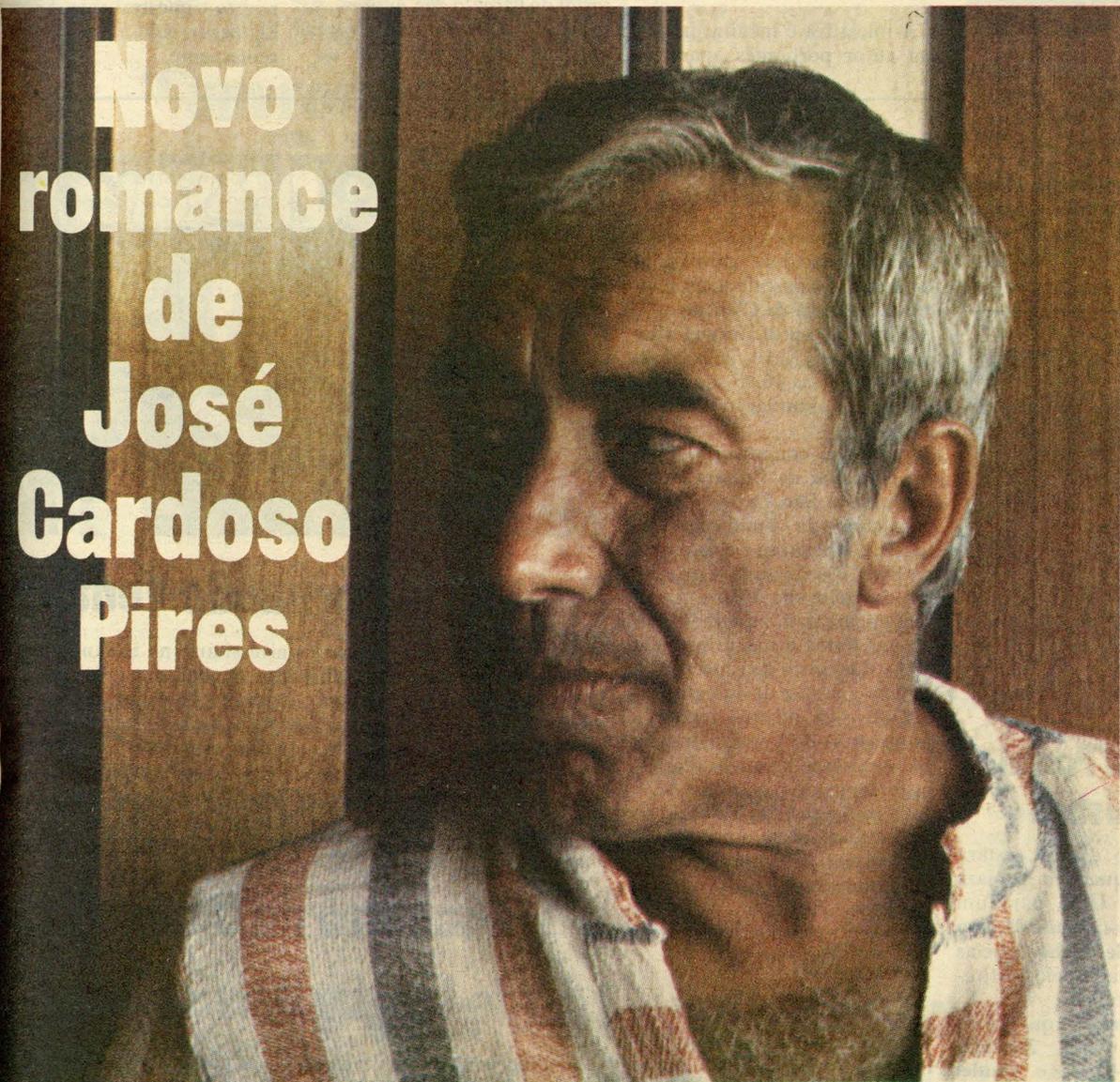
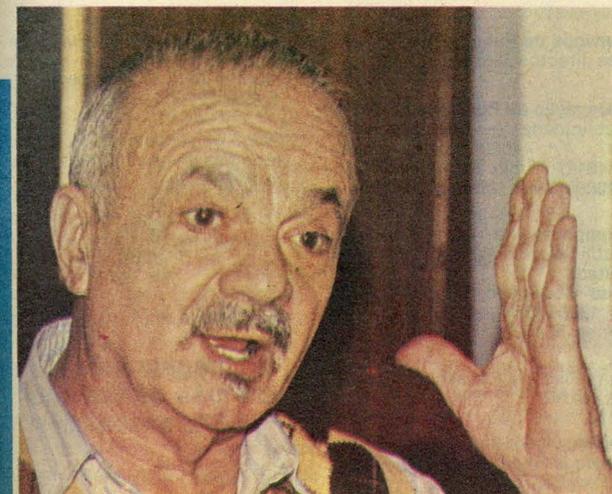


Foto de Eduardo Cagelero

“Um livro de personagens a dois rostos”

■ Pré-publicação de «Alexandra Alpha» ■ Um texto do autor

págs. 16/17



Astor Piazzolla: “Sou um anarquista da música”

págs. 24/25



Livro e série na TV Planeta-Terra

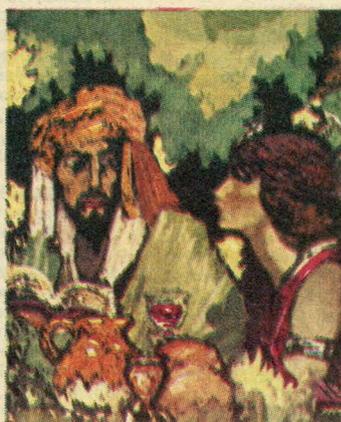
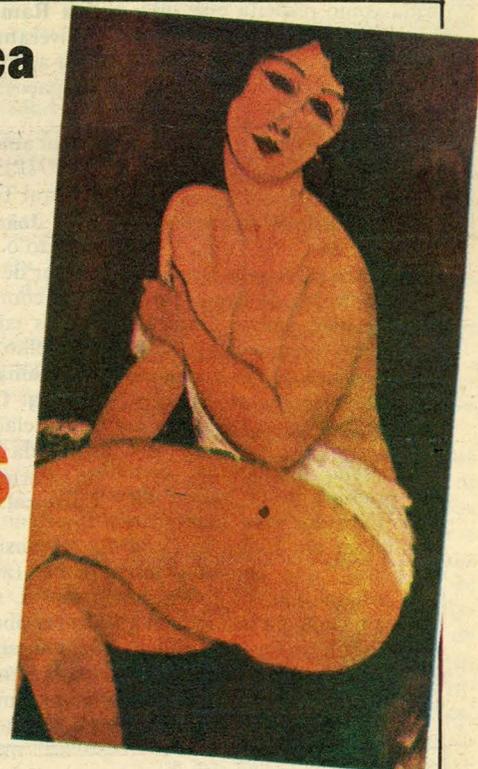
págs. 6/8

Leilão em França

Pintura vale milhões

■ Virgílio de Lemos,
em Paris

págs. 24/25



Dossier Bebida(s)

■ Textos e depoimentos de Agustina Bessa-Luís, António Mega Ferreira, Baptista-Bastos, Francisco José Viegas, José Augusto Mourão, José Cardoso Pires, J. M. Guardado Moreira e Manuel João Gomes

págs. 8/14

Um novo romance do autor de «Balada da Praia dos Cães» vai ser lançado esta semana por Publicações Dom Quixote e Círculo de Leitores. O JL ouve o autor sobre o livro e antecipa, em pré-publicação,

O primeiro capítulo de "Alexandra Alpha"

José Cardoso Pires

O anjo sobrevoou a cidade às 12.00-12.27 (hora solar). Era louro e de asas vermelhas e tinha um belo rosto triangular em nada semelhante ao dos querubins de igreja. Planou em lentas e tranquilas curvas por cima dos arranha-céus e das praias que contornavam a cidade, percorrendo-os com a sua sombra.

Foi escrito: a aparição teve lugar ao sétimo dia de um mês sobre tons radiosos e na linha do zénite, sol a prumo. Exacta e inolvidável, exactíssima, pôs em alvoroço as multidões de banhistas que formigavam no areal (aquela era a estação do sol e da festa do corpo) e suspendeu o trânsito nas avenidas da beira-mar, vogando, vogando sempre.

De súbito imobilizou-se, como que numa hesitação. E nes-

se instante percebeu-se que as asas rubras se tinham rasgado e que delas se levantavam farrapos como labaredas a ondular ao vento, e logo, veloz, cada vez mais veloz, a aparição alada despenhou-se das alturas celestiais, batida pelo sol louco do meio-dia, e veio estalar-se nuns rochedos do litoral conhecidos por Ponta do Arpoador. Um anjo cego, houve quem declarasse. Outros, os banhistas que o viram passar a caminho dos rochedos fatais, afirmaram que trazia uns olhos brancos de mensageiro suicida. Olhos brancos?

Os jornais recusaram-se a aceitar essa versão apócrifa, essa lenda repentina (na verdade a figura caída dos céus não tinha rosto mas uma massa indecifrável de cabelos de ouro e vermelho sangue). Isso não impediu que alguém lançasse a notícia de que seria verde e não branco esse olhar, verde de fac-

to, emerald green, confirmou a televisão um perito de medicina legal, descrevendo (e mostrando) o verdadeiro retrato da vítima, já então referenciada como um voador de asa-delta, Roberto Waldir Lozano de seu nome, cidadão natural de Água-Santa, vinte e seis anos, casado e com domicílio na Rua Barão da Torre, Ipanema, Rio de Janeiro, RJ. De acordo com o comunicado da Polícia, a identificação teria sido feita a partir do Clube Internacional de Voo Livre onde estava inscrito o planador vermelho e logo referenciada a ficha cadastral do malogrado indivíduo. Lá estava, lá aparecia nos ecrãs dos televisores a descrição de Lozano: entre os sinais particulares, assinalava o cabelo louro e os olhos verdes, «olhos verdes, emerald green», insistia a voz do entrevistado, «verde vernêse, na designação francesa», uma cor, bem conhecida dos

pintores, que se obtém pela combinação do arseniato com o acetato de cobre. Tratava-se de mais venenosa de todas as cores, começou a explicar o entrevistado, mas nessa altura já o écran era percorrido pela aparição voadora a planar muito serena sobre o Alto Juá, em imagens de acaso filmadas por um turista japonês. E logo depois cenas da recolha do cadáver dos rochedos da Ponta do Arpoador: em primeiro plano, seios soltos, coxas nuas, corpos bronzeados de banhistas curiosas a fazerem círculo à volta dum amontoado confuso de carne e de destroços. Uma foto a seguir, um rosto impessoal a aumentar, a aumentar, até cobrir o écran, uma legenda a deslizar, Ro-ber-to---Wal-dir---ar---qui-vo---e, de frente para os espectadores, o tal olhar que era ao mesmo tempo solar e solitário, a imagem da infância que perdura. Informações da Polícia punham de sobrevivo contra as especulações dos costumados exploradores da credence popular, tais como a venda de amuletos e de falsas relíquias do cadáver, romagens ao local do acidente, etcétera; à noite os rochedos do Arpoador apareciam constelados de velas acesas e de fumos simbólicos a despontarem frente ao mar. Efectivamente, estava-se desde já em presença duma tentativa de manipulação das consciências a que as autoridades e a Igreja não podiam ser indiferentes, comunicou o repórter do tejonral passando o microfone a um sacerdote da Acção Social.

Efectivamente. Efectivamente, disse o padre. O mistério Lozano configurava-se num acidente de características bem definidas e incontestáveis. Mas era também um motivo de reflexão. Efectivamente, ele representava o castigo da vaidade de Ícaro transposta dos mitos antiquíssimos para as realidades do nosso tempo, sim, representava a expiação da vertigem de luxos, prazeres e devassidões em que vivia uma certa sociedade. Por sua vez (imagem seguinte) o doutor delegado, no seu gabinete da Polícia, afirmava que esse tal de Lozano caíra do céu por determinação de interesses ocultos ainda por apurar. Indiscutível. Disso estava ciente, mas não queria antecipar. De concreto, sabia-se que a vítima fora atingida por dois disparos de arma de fogo no tórax e na região abdominal, depois de terem perfurado as asas do aparelho, sendo de admitir que o matador ou matadores a tivessem alvejado do terraço dum arranha-céus.

Foi tudo. Alguém assassina-

do em pleno voo perante uma cidade de milhões de habitantes, mas porquê, e por que poderes, e vindo donde, de que mundos, senhores. Todas estas dúvidas causavam apreensão e desorientavam. Natural, por isso, que tivessem começado a circular as mais desencontradas versões e, entre essas, uma que apontava, como assassino, certo cabra cearense em visita à cidade do Rio de Janeiro — Boca Braba, assim chamado.

Boca Braba. O nome dizia tudo. Boca Braba, viúvo e peão rural, que um jornalista fora localizar, a tremor de assustamento, num barraco de gafieira. Nascera e medrara nos serrados de Cratéus, encostas de Ibiapaba, e viera pela primeira vez à capital carioca, tendo-se alojado em casa dum parente de sangue e de lugar que exercia a profissão de moço de açougue no Matadouro Muni-

cipal. E passeando-se ambos nesse domingo pelo Morro do Cantagalo, aconteceu-lhe ver passar, muito alto e em direcção ao mar, uma estranha forma alada transportando nas garras um corpo humano. O que de imediato deixou Boca Braba em tal assombro que nem pensou duas vezes, e sentindo a compaixão e a urgência a ordená-lo, puxou do cospefego que sempre o acompanhava. Disparou; e com tal certeza e felicidade o fez que a aparição logo se destruiu no ar no próprio instante. «Compadre», dissera ele guardando a arma, «pássaro que era não sei, mas lá que largou o home tenho certo.»

A versão tinha a inocência e o destemor das sagas sertanejas e como tal perdurou. Foi repetida como verdade e aconteceu nos botequins e nas favelas e mesmo depois de desmentida pelas indicações das balas assassinas, perdurou. Perdurou, até, para lá da evidência.

Veio um deputado federal que disse: a Opinião e a Justiça não podem ser perturbadas pela ignorância e pela superstição; e um monge de São Domingos foi-se às velas que todas as noites iluminavam os rochedos onde o corpo se despenhara e excomungou-as. E veio também um delegado que disse que a Polícia podia assegurar que a vítima era indivíduo de vida in-

certa com ligações marginais. E um jornalista da noite que confirmou. E um playboy que repetiu. «Roberto Waldir Lozano suspeito de prostituição», registaram os autos.

Só então o Anjo Suicida ou Anjo Vermelho (como lhe chamavam as folhas populares) se começou a revelar à luz do dia na sua exacta proporção: a de um mercenário do corpo, alguém que, seduzido pela vida fácil, teria explorado um ou mais homens pervertidos que habitavam os paraísos do mundanismo e do dinheiro. Tudo levava a concluir que a vítima tivesse sido abatida por motivos passionais, era o parecer do delegado a quem coube reconstituir os factos.

Dito delegado, esse, que se apostou em seguir todos os trilhos da investigação, mesmo os mais árduos. Ele descobriu: o planador asa-delta onde morreu Waldir pertencia a Sérgio Martim Kieser de Mello, «Guta», delírio da indústria e conhecido recordista de voo desportivo com quem a vítima tivera uma relação parece que recente. A partir daí as portas iam-se fechando mas as investigações prosseguiram.

Esse foi o momento em que o rosto esfacelado entre o mar e o meio-dia começou a recompor-se à luz do passado, já sem legenda, já sem fulgor. O momento branco da suspensão. O momento, também, em que, algures num barraco do Morro da Viúva, uma negra de bom coração se debruçou sobre um menino de três anos que dormia e que era louro e de olhar verde, a repetição fiel do rosto estatelado na praia. Ela, a negra, pôs-lhe sete gotas de azeite santo na testa.

Porém, enquanto isto, já muito distante dali, em Ipanema, uma outra mulher, esta jovem e portuguesa, rasgava todos os retratos e memórias de Waldir que havia no apartamento onde morava, apagando-lhe para sempre o perfil de bem-amado. Para sempre, não. Nunca o conseguiria: embora naquele momento lhe fosse impossível admitir, jamais pela vida fora se veria livre da imagem dele. E logo nessa noite a vieram buscar para reconhecer o cadáver destruído; e a levaram para ser ouvida, entre polícias e de passaporte na mão, e declarada como Maria Alexandra, secretária de empresa, solteira e natural de Lisboa; e contraditada; e repetida acerca do dia e do lugar em que conhecera Waldir e desde quando viviam juntos, o que acontecera, se a memória não lhe falhava, pouco depois de ele ter abandonado o lugar de chaffer da Administração da firma Alpha Linn (Brasil) Publicidade SA., onde Alexandra, a declarante, exercia o cargo de especialista de marketing.

Claro que há outras informações rigorosas que podem ser adiantadas a este romance. Que decorre numa certa Lisboa fechada em círculo de si mesma antes e depois do 25 de Abril. Que é ou parece ser um livro de personagens a dois rostos. Que, ao fim e ao cabo, trata da memória e descrição dum mulher, uma «madrastra solteira», se assim se lhe pode chamar. Sim, a maternidade como desejo de auto-identificação está bastante visível, creio bem, nesta personagem — mas só nela?

Detenho-me aqui. De certa maneira cada livro também é escrito por cada leitor e, muitas vezes, a cada leitura que se faz dele. A estória de Alexandra Alpha terá muito do olhar com que for lida. Deixo-a na mão de quem lhe pegar e fico de ouvido atento para me ouvir nas leituras que ela provocar.

Mais lhe perguntaram pela outra mulher, a legítima e natural. A que estava retida no Reformatório de Santa Efigênia, sabia? No registo cadastral figurava como Neusa Paloma e como Neusa Moreira Lozano, nome oficial, casada e natural de Água-Santa, actualmente a cumprir pena por tráfico de droga, latrocínio e falsificação, como era por certo do conhecimento da ali declarante Alexandra. Ignorava? Claro

que não ignorava, havia até um filho do casal à guarda dum ama por mandato do juiz, essas coisas estavam devidamente documentadas. Ou eram novidade para ela?

Alexandra baixou os olhos, sabia.

Bem, muito bem. A Polícia pôs-se a desfolhar o passaporte, como que lendo, e por cima de carimbos e datas quis mais pormenores, precisões: o porquê da sua vinda para o Brasil e o seu passado em Portugal; seus princípios de família, seus salários; qual a vida que fazia com o falecido e quais os mundos que partilhavam. E com mais perguntas e insistências ficou declarado em substância que a declarante e, se bem que pessoa de instrução e de nível social elevado, coabitava (coabitava era o termo, não havia outro) coabitava, disse-se, com um indivíduo sem crédito social nem ocupação conhecida além daquela que exercera na empresa Alpha Linn à data em que Alexandra o conheceu. Por fim, lavrado que foi o auto, assinado e testemunhado de acordo com as disposições legais, mandaram-na em paz, não se impedindo porém de lamentar a sorte da criança que a vítima tinha deixado. Disse-ram: «Mãe na cadeia, pai no caixão, quem paga agora a conta da ama?»

Alexandra retirou-se para o seu apartamento de Ipanema mas não para se meditar de erros ou de arrependimentos, antes para sepultar de vez a memória do bem-amado.

Estava ela assim, e já no seu barraco de favela a preta de bom coração estendia o olhar para longe, chamada por uma ideia. Descalça e despenteada, degolou uma galinha e pôs-se a soletrar o sangue espalhado na terra batida. Leu, sentada no chão à beira do menino adormecido, abanando a cabeça compassadamente e rezando gemidos. Com o dedo do pé riscava sinais, com as mãos sacudia nuvens de espíritos que se adensavam à volta dela. Depois, já sossegada, foi-se à criança, lavou-a em água de cheiros e, tomando-a pela mão, desceu a babilónia de gaiolas onde morava e que estava sobrevoadora por papagaios de papel de todas as cores.

Não era noite nem era dia quando a preta entrou nas avenidas do comércio e dos carros uivantes. Ipanema, bairro dos ricos, dos bares e das noites festivas, Rua Barão da Torre. A certa porta teve-se de nariz levantado, farejando a brisa que vinha do mar por entre os prédios. Farejou, farejou. Depois, apertando a mão que conduzia o menino, ela e ele subiram de elevador até às alturas, levados por um traço de som.

Anunciou-se ao abrir da porta, solene e muito hirta. Apesar dos colares garridos, do branco-algodão do vestido, das pulseiras e das missangas, tinha a imprecisão dum crepúsculo maligno; a abundância das ancas e dos seios dava-lhe uma imponência de carnaval. Assim apareceu a Alexandra e assim se pronunciou: «Chamo-me Natividade», disse, «e este é Roberto, filho de Roberto que Deus levou. Passe bem.»

Assim foi que, estando Alexandra na solidão dos proscritos e sob o peso dum traço que lhe fora revelada pela morte, viu surgir a enviada negra com o menino que o destino lhe legava. Menino que ela recebeu pousando-lhe a mão na cabeça, sem mais nada. Como um sinal de confirmação, como um selo. E quando levantou os olhos a figura da mulher tinha-se sumido pelo poço do ascensor abaixo e era apenas um som sibilino a rasgar-se no vazio, um zumbido e uma luzinha a descerem suavemente e a deixarem para trás um incenso, um rasto quente, as ervas da purificação, pensou Alexandra fechando a porta do apartamento.

Alexandra, ao olhar para a criança, foi como se um clarão a tivesse emudecido: aquele era o rosto vivo do bem-amado.

Mais: aquele era o rosto de Neusa, a mãe.

Porque Alexandra tinha conhecido Neusa Paloma nesse ano pelo Natal durante os poucos dias que o Reformatório lhe concedera para visitar o filho. Ela também viera ali, ao apartamento da Barão da Torre. Aparecera-lhe trazida por Waldir, e fora a mesma assombração ao vê-los juntos: era tão igual ao marido na beleza e nos gestos que pareciam gémeos de carne, não esposos. Tão igual à criança que acabavam de lhe entregar que eram os dois agora repetidos numa terceira criatura.

Ali ficou a criança, entre paredes de luz, reproduções de Portinari, música hi-fi, arte amazónica. Um lugar espaçoso comandado pelo estranho desenho de um homem-pássaro segurando uma mulher nu pelos cabelos (The Birdman, Max Ernst). Livros, whisky, um lugar limpo e ordenado, na verdade muito diferente do antro de fumos, de altares e de respostas onde o menino estivera ocultado desde a nascença. Ali ia ele retomar a infância pela mão dum outra mulher: Alexandra, chamava-se ela, e era a que sucedia à mãe negra, a qual, por sua vez, já tinha sucedido à mãe loura, a primitiva e natural, Pai da Vida, de quantas mães é feita uma criatura. Esta seria mãe-irmã, diversa de todas as mães, e só muito depois a criança saberia que ela viera de cidades longe, no outro lado do mar. Que tinha vários nomes, isso também lhe seria revelado. Que o primeiro era Alexandra e o último Maninha, este só para uso dela e dele e derivado de Mana, Mana Alexandra ou Mana Xana, que era como os amigos a conheciam no país donde provinha.

«Lisboa. Aqui é que o Beto vai viver com a Maninha. Está bem?»

Alexandra Alpha: 448 páginas. O anúncio dos editores refere que o romance corre entre o despenhar dum anjo suicida numa praia de banhistas e a ascensão a morte de uma avião transportando duas amas de mão dada. Assim, por estes dois movimentos invertidos fica Lisboa de-pérola. Algures, do Hotel Sheraton, faquir enrolado na cauda dum dragão e malogrado uma ex-freira em plena gravidez-fantasma.



José Cardoso Pires: Um livro de personagens a dois rostos

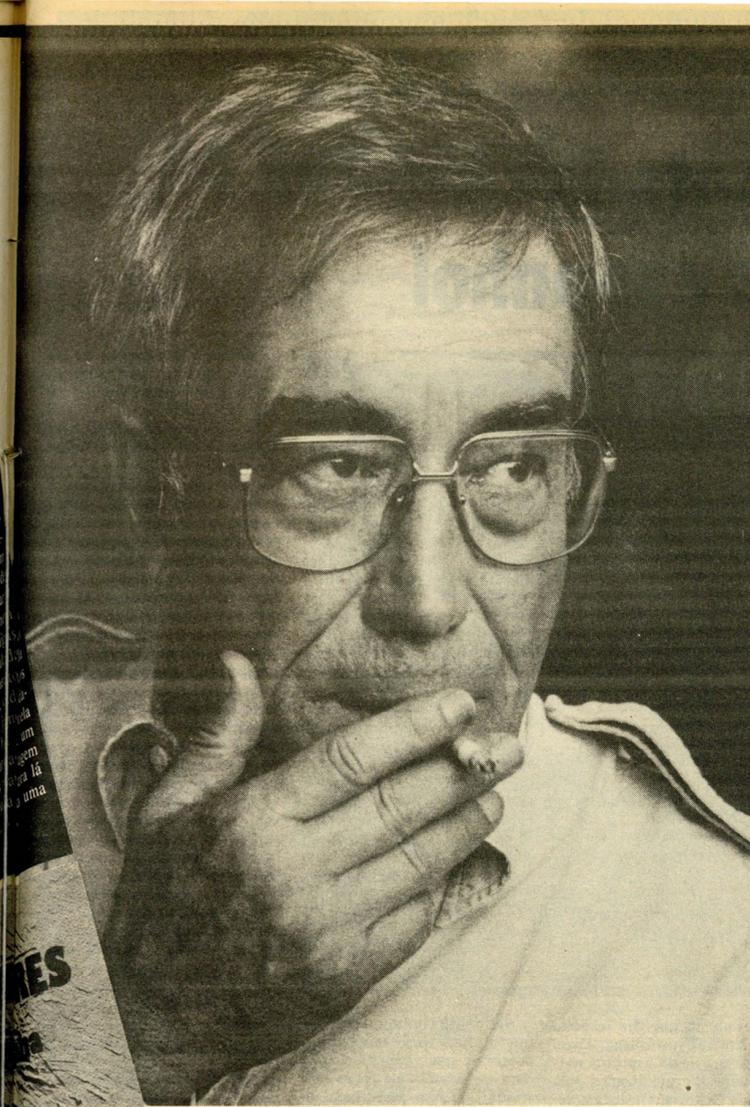


Foto de Eduardo Gageiro

AZARES DA EXPRESSÃO

Ciclo de manifestações promovido pela FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN SERVIÇO DE BELAS ARTES

À Procura do Presente

Texto e encenação Adolfo Gutkin

UMA GRANDE AVENTURA SOBRE A BUSCA DA NOSSA IDENTIDADE

Intérpretes: Ruy Furtado • Glicínia Quartin • João Lagarto • José Lopes • Ávila Costa • Diogo Dória

Assessor literário: José Triana • **Cenógrafo:** José Castanheira • **Figurinista:** Vera Castro

Música e direcção musical: Carlos Gutkin

Representações são dadas no **IFICT** — UM NOVO ESPAÇO TEATRAL
Rua de Santiago, 19 (ao Miradouro de Santa Luzia)

Estreia 5.ª feira, 19, às 21.30 • **Espectáculos até ao dia 29 de Novembro** • **Aos domingos às 16 h.**

Bilhetes à venda na bilheteira da Fundação Gulbenkian. Dias Úteis das 13 às 19 horas. Av. de Berna, 45. Tel. 77 41 67

Na bilheteira do IFICT, Rua de Santiago, 19 (ao Miradouro de Santa Luzia). Tel. 86 55 03.

Preço único: 300\$00 • 50% de desconto a estudantes e a portadores do Cartão Jovem